

# A VIOLÊNCIA E AS RELAÇÕES DE GÊNERO NA SOCIEDADE CONTEMPORANÊA: UM DEBATE EDUCACIONAL

STIVAL, Maria Cristina Elias Esper – UTP  
[cristinaelias@terra.com.br](mailto:cristinaelias@terra.com.br)

FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira – UTP  
[saritafortunato@uol.com.br](mailto:saritafortunato@uol.com.br)

Área Temática: Violências e Convivência nas Escolas; Relações Interculturais; Infância;  
Juventude; Gênero e Raça

## **Resumo**

O texto pretende fornecer elementos para a compreensão referente às temáticas da violência e relações de gênero na sociedade contemporânea. A abordagem de gênero na educação tem se tornado objeto de estudo no campo educacional, bem como a violência. Identificar como se constroem as relações de gênero em nossa sociedade, superando assim o modelo violento e marcado por desigualdade é mais uma discussão necessária a ser feita no campo educacional. Neste sentido, o texto pretende possibilitar uma reflexão da violência que a mulher sofre e as relações de gênero, apesar dos avanços significativos as diferenças de gênero continuam servindo de fundamento para as desigualdades sociais e conflitos que são refletidos no contexto escolar. Portanto, há necessidade de entender os casos de conflitos existentes no espaço escolar e nas relações de gênero, confundidos com a violência. Cabe a escola desconstruir tais conceitos oriundos de uma sociedade marcada por atos agressivos e violentos com impactos que danificam os seres humanos, obrigando-os a se reestruturarem fisicamente e emocionalmente para construção de um mundo mais humano. É preciso lidar com as relações de gênero no interior da escola através dos valores dialógicos e democráticos e garantir a discussão com a inserção da temática no projeto pedagógico com princípios filosóficos e pedagógicos, que atendam as expectativas do colegiado.

**Palavras-chave:** violência; relações de gênero; campo educacional.

## **Introdução**

A história do Brasil retrata um cenário violento com problemas apontados e práticas de conflitos aparentes na sua descoberta. Os habitantes no Brasil considerados nativos eram denominados indígenas, que sofreram as conseqüências do processo de colonização, através

de situações de violências ocorridas dentro dos cativeiros, muitas vezes, ocasionando a morte e, conseqüentemente, a grave diminuição desta população.

Portanto, percebe-se que as lutas prosseguiram: aos índios e lusos<sup>1</sup>, seguem-se negros e senhores e, mais tarde, as lutas camponesas contra grileiros<sup>2</sup> e latifundiários. Os Canudos, Contestado, quilombos, esses são apenas alguns exemplos de movimentos sociais que tiveram representação política, que aparecem, na história oficial, como movimento messiânicos<sup>3</sup>, de raízes radicais, que legalmente foram exterminados e combatidos em nome de uma ordem e da segurança nacional.

A independência, a abolição dos escravos, a proclamação da república não trouxeram vantagens práticas aos cidadãos e cidadãs nesse contexto social. São momentos históricos que a violência deixava marcas significativas na vida das pessoas, ao lado da guerra, de genocídios, de torturas que produzem uma sociedade em crise social e cultural.

Na Constituição Federal encontra-se a base e o fundamento de todas as demais normas vigentes no país. A constituição e a carta política do país encerram os princípios e garantias fundamentais, sobretudo no âmbito dos direitos humanos. No curso da história episódios de discriminação, exclusão social e fome, consolidam uma sociedade injusta e desumana. Para ilustrar: o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade. (Art. 5) e, ainda, direito à educação, saúde, trabalho, moradia, lazer, (Art 6). A classe popular, sentia que o inimigo residia na elite dirigente e no imperialismo e percebia que as práticas democráticas no Brasil foram sempre contrárias à própria democracia. Os direitos e liberdades democráticas mais elementares eram sempre negados ao povo em geral.

Assim, a violência apresenta características de acordo com o contexto histórico refletindo mudanças nas relações entre as pessoas. Logo, a escravidão na época do Brasil colônia não era considerada crime contra o ser humano, a mulher agredida entrava num processo dito disciplinar e não havia lei que amparasse.

Para ampliar, tal discussão referente à violência, pretende-se abordar o âmbito educacional e esclarecer as relações de gênero nas instituições escolares, como discussão crescente e intrigante dimensão na sociedade contemporânea.

---

<sup>1</sup> Criado pelos humanistas do Renascimento.

<sup>2</sup> Indivíduos que procuram apossar-se de terras alheias mediante falsas escrituras de propriedade.

<sup>3</sup> População salvadora de um determinado povo.

## **Educação e violência em debate**

A questão da violência na sociedade, cada vez mais invade e gera polêmica nos diversos contextos sociais. Tem-se constatado situações e fatos ocorridos que geram ansiedade e medo na sociedade brasileira. A violência notória em nossa sociedade brasileira começa pela busca do ensino nas escolas públicas aos estudantes que necessitam de qualidade, permanência e continuidade nos estudos, mesmo assim tornam-se analfabetos funcionais, e recentemente, analfabetos digitais. Os hospitais, apesar do esforço dos médicos são carentes de recursos materiais, e a questão do transporte, das riquezas minerais, da energia e do meio ambiente são cada vez mais precárias.

As situações retratadas apontam os problemas da desigualdade social no Brasil, levamos a pensar na mudança das estruturas sociais que sustentam as desigualdades, uma vez que o modelo econômico tem sua sustentação no enriquecimento de uma minoria e na miséria da maioria.

Portanto, a escola é, muitas vezes, a única esperança de reversão das expectativas de cada estudante, ou seja, dentro da instituição com seus muros escolares acreditam que estão protegidos e tem o direito de ser tratado com justiça e equidade, independente da sua capacidade de concentração, da raça e condição econômica. Talvez seja o único modelo de convivência digna de se relacionar, socializar e aprender novos conceitos.

Porém, o retrato da violência dita na escola, muitas vezes sutilmente disfarçada com sua imagem da demolição sistemática engendrada pelo preconceito de colegas e professores e as professoras. Apelidos maldosos e brincadeiras embaraçosas são exemplos de situações humilhantes que levam muitos estudantes menos adaptados a se sentir como forasteiros rejeitados. Essas atitudes marcam estudantes como o estigma do fracasso e muitas vezes sela seu destino no quadro dos excluídos da sociedade.

Os problemas educacionais do nosso tempo, pelo modo como interferem em todas as dimensões fundamentais da vida humana, exigem particularmente dos profissionais da educação uma abordagem metodológica pautada no respeito mútuo, pela confiança e numa relação de troca. O sucesso ou o fracasso escolar, com tudo o que ele implica, em apontar os problemas da desigualdade social no Brasil e da concretização de uma formação integral que possibilite aos estudantes a verdadeira cidadania para interagir de forma consciente.

Torna-se necessário, identificar como se constroem as relações de gênero em nossa sociedade, num debate amplo no campo educacional, superando o modelo violento e marcado por desigualdade.

### **Violência e as Relações de Gênero**

Para entender a construção da sociedade em que vivemos, é preciso compreender o papel de cada sujeito neste contexto social. Assim, a mulher tem seu papel na forma de atuar na sociedade. Nos estudos de gênero mostram como na história ocidental o enclausuramento feminino no espaço doméstico foi se constituindo em uma regra mais ou menos geral, mesmo quando as mulheres trabalham fora. Seria uma violência mascarada com o enclausuramento que ocorreu principalmente pelo forte controle sobre a conduta feminina exercida por homens nas diversas profissões com o entendimento que o papel da mulher seria de esfera reprodutiva.

Uma sociedade em que as idéias de masculinidade são caracterizadas por manifestações carregadas de liberdade, e refere-se muitas vezes ao exercício da força física e por atitudes de firmeza nas atitudes tomadas. Neste sentido, essa masculinidade é comparada mesmo a uma predisposição para a violência contra a mulher que muitas vezes se expressa em violência física, até mesmo no estupro ou no assédio moral no ambiente de trabalho.

Em agosto de 2006, o presidente sancionou a lei federal 11.340/06, conhecida como “Lei Maria da Penha”. O nome é uma homenagem a mulher Maria da Penha Maia Fernandes agredida pelo marido durante seis anos, em situação de violência doméstica, tornado assim, um marco histórico. Em 1983, por duas vezes, ele tentou assassiná-la. Na primeira com arma de fogo deixando-a paraplégica e na segunda por eletrocução e afogamento. O marido de Maria da Penha só foi punido depois de 19 anos de julgamento e ficou apenas dois anos em regime fechado.

A violência que atinge a mulher se dá, às vezes, simultaneamente, pelas vias do trabalho, da classe, da cultura, da etnia, da idade, da raça, e, assim sendo, torna-se difícil atribuí-la a um aspecto específico desse fenômeno. Desse modo, mais que qualquer outro assunto ligado ao feminino que se deseja analisar, dificilmente se poderá compreender como se dá as relações de gênero sem antes conhecer atitudes e posturas violentas e suas formas de manifestação.

Apesar dos avanços que as mulheres fizeram em muitos países, as diferenças de gênero continuam servindo de fundamento para as desigualdades sociais. Portanto, gênero diz respeito às diferenças psicológicas, sociais e culturais entre homens e mulheres, estão ligadas as noções socialmente construídas de masculinidades e feminilidade. Neste sentido as mulheres apresentam postura mais gentis e com comportamentos de zelar pela família e dos homens aparentemente agressivos para participar das caças e guerras.

Mais de um século se passou e, embora nos últimos anos tenha-se observado um avanço significativo em relação ao número de meninas/mulheres que têm acesso aos ambientes educacionais, pode-se constatar cotidianamente uma série de violências físicas, sexuais e simbólicas que são exercidas nos espaços educacionais das próprias meninas, jovens ou adultas. Assim, os professores e as professoras consigam refletir de uma maneira crítica sobre tais violências que são desencadeadas nestes espaços institucionalizados.

A violência no Brasil concentra-se em determinadas áreas geográficas e grupos sociais, o que aponta para a existência não apenas de uma distribuição desigual do risco de ser vítima de violência, como também pela distribuição desigual dos direitos sociais e civis na sociedade brasileira. Da perspectiva de Galeano<sup>4</sup>, a sociedade capitalista, à medida que se aprofundam as desigualdades sociais, amplia e generaliza as situações de violência:

Quem são os carcereiros, quem são os cativos? Poder-se-a dizer que, de algum modo, todos nós estamos presos. Os que estão dentro das prisões e os que estamos fora delas. São livres, acaso, aqueles que são prisioneiros da necessidade, obrigados a viver para trabalhar porque não podem dar-se ao luxo de trabalhar para viver? E os prisioneiros do desespero, que não têm trabalho nem o terão, condenados a viver roubando ou fazendo milagres? E os prisioneiros do medo, acaso somos livres? E acaso não somos todos prisioneiros do medo, os de cima, os de baixo e também os do meio? Em sociedades obrigadas ao salve-se quem puder; somos prisioneiros os vigias e os vigiados, os eleitos e párias. (GALEANO,1999, p.110)

O século XXI vem marcado por profundas mudanças no campo econômico, sócio-cultural, ético-político e ideológico que, por sua vez, alteram o quadro atual da sociedade brasileira. Embora existam dificuldades para definir o que se nomeia como violência, alguns elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados: noção de coerção ou força; dano

---

<sup>4</sup> Eduardo Galeano, escritor uruguaio, autor de várias obras reconhecidas internacionalmente, entre elas, As veias abertas da América Latina.

que se produz em indivíduo ou grupo social pertencente à determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia e conflitos de convivência nos diversos espaços sociais.

**O termo violência tem sido usado de modo genérico e ambíguo, e defini-lo não é uma tarefa fácil. Além de sua amplitude, complexidade e ambigüidade existem diversas vertentes teóricas que abordam a temática.**

As diferentes modalidades de violência que se fazem presentes no ambiente escolar são: a violência física, aquela que consiste em ferimentos, roubos, golpes, vandalismo, tráfico e uso de drogas, violência sexual, homicídios e crimes de uma forma geral; a violência simbólica ou institucional, que se revela nas relações de poder e na violência verbal entre professores e professoras e estudantes, ou seja, na confusão entre autoridade e autoritarismo.

O fenômeno da insegurança na vida da população brasileira tornou-se um tópico de discussão essencial na sociedade contemporânea. Mediante fatos ocorridos pelo excesso de violência a causa são os efeitos nocivos, fatores de ansiedade e a uma insegurança que fazem parte do cotidiano. No final do milênio, o mundo retrata uma sociedade repleta de medo, Galeano expõe a indústria do medo:

O medo é a matéria-prima das prósperas indústrias da segurança particular e do controle social. Uma demanda firme sustenta o negócio. A demanda cresce tanto ou mais do que os delitos que geram e os peritos garantem que assim continuará. Floresce o mercado da vigilância particular e dos presídios provados, enquanto todos nós uns mais, outros menos, vamos nos tornando sentinelas do próximo e prisioneiros do medo. (GALEANO, 1999, p.107)

A situação que enfrenta a sociedade perpassa, atinge as instituições escolares que prestam serviços à população, sem analisar os problemas que a sociedade enfrenta, tais como desemprego, miséria, exclusão, preconceito e outras formas de violência. Este quadro de insegurança se reflete nas relações interpessoais do estudante, professores e as professoras ou dos demais profissionais do contexto escolar, revertendo negativamente na qualidade estabelecida entre os grupos sociais.

A categoria violência “encerra leituras diferenciadas que incorporam práticas inteiramente diversas, segundo o grupo ou classe social que as vivencia (...) não existe uma violência, mas violências que devem ser entendidas em seus contextos e situações particulares”. (BRITTO, 1994, p. 150)

Neste sentido, a violência escolar não pode ser considerada somente fatos agressivos, mas comportamentos que quebram regras de convivência social e promovem insegurança nos ambientes escolares. A violência escolar abrange a violência dita física, que seria os ferimentos, crimes, tráfico, depredação, e todas as demais formas de agressão que envolvem a falta de respeito e humilhações nas relações sociais.

Consideram-se tais aspectos importantes a serem explicitados nas interações vividas nas escolas públicas. As relações que são mediadas por conflitos são importantes para a formação de uma consciência crítica e a construção do consenso fundado na aceitação do conflito permite a formação de novas idéias, que identificam no contexto escolar as situações que influenciam as relações sociais.

Esta é a noção que perpassa as respostas dos questionários aplicados aos estudantes e profissionais de duas escolas públicas estaduais da região do município de Curitiba, na pesquisa de (STIVAL, 2007, p.101), que aponta que entre os estudantes que participaram dos questionários há uma predominância do gênero feminino nas respostas.

**tabela 1- índice de alunos que participaram da pesquisa de campo.**

ESCOLAS	IDADE	FEMININO	MASCULINO	TOTAL
<b>X</b>	14 à 23 anos	57%	43%	100%
<b>Y</b>	14 à 25 anos	72%	28%	100%

Fonte: Dados extraídos da pesquisa de campo.

Percebe-se que entre os estudantes que participaram dos questionários há uma predominância do gênero feminino, o que determina especificidade na análise dos dados. Neste sentido, os conflitos existentes nesse contexto escolar precisam ser compreendidos nas relações de gênero.

### **Conflitos no contexto escolar**

Parte-se, portanto, do pressuposto que o conflito é inerente à estrutura social, como resultado de antagonismos sociais existentes e dos quais depende o processo social. Sufocar o conflito é próprio de atitudes autoritárias que visam impor um único ponto de vista. O conflito pode implicar violência ou ameaça de violência. Homens e mulheres em conflitos umas com as outras estão conscientes de suas divergências, mas não sabem como enfrentá-las.

Portanto, há necessidade de entender os casos de conflitos existentes no espaço escolar e nas relações de gênero, confundidos com a violência. A maioria dos conflitos surge a partir de discussões banais, agravando-se rapidamente e que desencadeiam situações de agressões físicas e verbais por parte dos litigantes. Para compreender melhor apresentam-se as análises de Isabel Galvão<sup>5</sup>:

Primeiramente, deve-se abordar o conflito como algo inerente à dinâmica social e constitutivo da vida psíquica. Trata-se de uma situação de antagonismo entre as duas ou mais forças. É desses confrontos que depende o movimento mesmo da sociedade. Uma total ausência de conflitos somente pode ser forjada, e ainda assim, de maneira muito mais aparente do que profunda – pelas sociedades totalitárias. Um dos principais desafios de democracia consiste em desenvolver mecanismos de explicitação e mediação de conflitos, sem que eles se traduzam em violência ou em desagregação da sociabilidade. As sociedades democráticas se fundam no chamado Estado de direitos precisamente porque elaboram leis que se destinam a regular conflitos e aprimorar o convívio de interesses diferenciados ou mesmo opostos. (GALVÃO, 2004, p.191)

Compreender e solucionar as contradições, que se encontram na origem dos conflitos que permeiam a vida escolar, constitui-se em fator prioritário na discussão e construção de uma escola igualitária, justa e democrática. Construir um caminho de análise e reflexão das referidas contradições, reforçar o caráter formador da escola, concebida como um dos instrumentos de formação cultural e de construção do pensamento autônomo, político e social é, com certeza, um grande desafio para a sociedade.

O pressuposto teórico, como já explícito, centra-se em Marx, que acreditava que o conflito de classes tem como ponto determinante a estrutura econômica com impactos agravantes no decorrer da própria história. Nesse contexto, o conflito é “motor da história” e nas palavras de Marx: “Toda a história humana até aqui é a história das lutas de classes.” Dessa perspectiva, o antagonismo de classes e a transformação da força de trabalho em mercadoria estão na raiz das violências sociais que ocorrem na sociedade. A partir da compreensão da estrutura social capitalista, a violência constatada no interior da escola pública assume origens sociais e pode ser indiretamente considerada como um dos desdobramentos do processo de desigualdade social.

---

<sup>5</sup> Professora da Universidade de São Paulo, Faculdade de Educação, Departamento de Filosofia da Educação e Ciência da Educação.

Desse modo, é preciso lembrar que nem todos os conflitos que ocorrem na escola são próprios da instituição escolar e sim oriundo da dinâmica social que se refletem nas instituições sociais.

A reflexão evidencia que são necessárias ações conjuntas para reverter esse quadro nas escolas e que o ensino público necessita ser revisto na sua totalidade. A escola cumpre objetivos sociais e sua capacidade para lidar com as relações de gênero com valores dialógicos e democráticos, depende da inserção da escola em um projeto pedagógico com princípios filosóficos e pedagógicos, que atendam as expectativas do colegiado de cada escola.

### **Conclusão**

Nesta realidade, com toda complexidade e contradições do mundo contemporâneo, o que fazer? O que os profissionais de educação devem compreender para criar ambientes escolares que promovam o entendimento dos problemas atuais na dinâmica escolar? Como relacionar saberes escolares frente à relação de gênero? O que fazer para “dominar” a violência superando-a por um outro mundo mais humano? A história humana vem sendo construída e marcada por fatos e incidentes que promovem a ‘naturalização’ encarando assim, como princípios de natureza humana e até cultural que reproduzem de geração à geração.

Cabe a escola desconstruir tais conceitos oriundos de uma sociedade marcada por atos agressivos e violentos com impactos que danificam os seres humanos, obrigando-os a se reestruturarem fisicamente e emocionalmente para construção de um mundo mais humano.

Evidentemente, incorporar a análise sobre gênero na escola, é a possibilidade de ampliar o debate, conhecer e reconhecer que existem relações desiguais entre homens e mulheres e poder com isso refletir e visualizar a possibilidade de construção de novas relações.

### **REFERÊNCIAS**

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Promulgada em 5 de outubro de 1988. São Paulo: Saraiva, 1988.

\_\_\_\_\_. República Federativa do Brasil. **Lei Maria da Penha Maia**. LEI Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006.

BRITTO, Rosyan Campos de Caldas; LAMARRÃO, Maria Luiza. **Criança, violência e cidadania**. Belém: Unama, 1994.

GALEANO, Eduardo. **De pernas pro ar**: A escola do mundo ao avesso. Tradução de Sergio Faraco. Porto Alegre: L&PM, 1999.

GALVÃO, Izabel. Conflitos no cotidiano escolar. In: CARVALHO, José Sérgio (org). **Educação, Cidadania e direitos humanos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004. p.191.

MARX, Karl. **O capital**. Crítica da Economia Política. São Paulo: Abril Cultural, v.I. Tomo II, 1984.

\_\_\_\_\_. **O capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, v.1, 1978.

STIVAL, M.C. E **.Políticas Públicas do Estado do Paraná**: a violência nas escolas públicas e a ação da Patrulha escolar comunitária. Curitiba: UTP, 2007.